

Editorial

Diante da pandemia de Covid-19, resolvemos fazer uma chamada para uma edição especial da REL com vistas à reflexão a partir de uma perspectiva libertária sobre seus efeitos para a vida das pessoas. Diante da urgência da pandemia, tivemos um prazo curto de 10 dias para envio dos artigos. Para nossa surpresa e felicidade recebemos mais de 20 excelentes trabalhos. Então, resolvemos fazer dois números. Esse é o primeiro. Temos artigos que vieram de diferentes partes do país e até de uma pesquisadora que está fazendo trabalho de campo junto aos Boni em Papaïchton, Guiana Francesa. Mais uma vez primamos pela interdisciplinaridade. Nesse número, publicaremos pesquisas de distintos campos do conhecimento como Filosofia, Antropologia, História, Ciências sociais, Economia, Educação e Psicologia. Assim, o leitor poderá transcorrer pelos diferentes modos de interpretação para entender pormenorizadamente os efeitos do Novo Coronavírus para a vida das pessoas, pois isso é o que nos importa. Quando pensamos nas transformações das instituições, da sociedade, da ciência, da educação, estamos pensando nas pessoas. Não nos interessa o lucro, o dinheiro, aliás, nos interessa sim, criticar esse sistema capitalista, racista, machista, homofóbico, contra a ciência emancipadora, discriminador, estadolátrico.

Abrimos esse número especial da REL com um dos principais especialistas em Filosofia Contemporânea e em particular no pensamento de Michel Foucault do Brasil. Guilherme Castelo Branco discorre sobre os primados da biopolítica na era da governamentalidade e conclui mostrando como a falta de cuidado com a vida dos mais vulneráveis fica mais evidente com a pandemia.

No artigo seguinte, Wallace de Moraes discute temas como colonialismo, racismo, necropolítica, geronticídio, outremização e anarquismo, apontando que os alvos principais da pandemia, em função das estruturas e opções governamentais, são negros, indígenas, trabalhadores pobres e seus idosos. Para representar essa realidade, apresenta o conceito de Necrofilia Colonialista Outrocida em curso no Brasil.

No terceiro artigo, Ana Paula Morel trata da urgência de se pensar na questão da educação em saúde como forma de combater a pandemia. Igualmente condena o obscurantismo propagado pelo governo, seja negando a necessidade dos cuidados, seja

negando a própria gravidade da doença. Ademais, trata do papel fundamental dos coletivos nas favelas para combater o avanço do vírus.

Apoio mútuo, federalismo, conceitos clássicos do pensamento anarquista, são trazidos à tona por Hanna Cavalcanti e Guilherme Santana para discutir os efeitos da pandemia. Ao fazê-lo invocam autores clássico como Proudhon, Kropotkin e Bertier. Os autores relatam exemplos de coletivos de periferias que se apropriam de práticas defendidas teoricamente pelo anarquismo para salvar vidas nesse momento.

Juan Magalhães, a partir de uma perspectiva anarquista, faz uma crítica acurada, necessária e bem articulada aos princípios do liberalismo econômico, demonstrando como essa ideologia é incapaz de resolver e ainda possui desprezo para os problemas sociais.

Adriana Delbó e Guilherme de Freitas Leal nos brindam com uma reflexão filosófica bem instigante, recorrendo a Foucault, Agamben, Mbembe e Arendt para refletir sobre nossa conjuntura, expondo uma crítica ácida ao sistema. O uso de máscaras é curiosamente tratado pelos autores em dois momentos distintos: nos protestos populares para proteção do gás lacrimogênio e agora na era da pandemia.

Ana Paula Boscatti discute a figura pública do presidente da república, denunciando como sua técnica de governo e gestão representam uma “masculinidade militarizada, altamente viril e vertical, uma heterossexualidade incorruptível e inflexível que se contraria com qualquer tipo de “desvio” de uma conduta estritamente normativa.” Trata-se da defesa de um mundo “masculinista”, acusa com maestria a autora.

Marcelo Bichara traz ricos detalhes do colapso socioambiental como pano de fundo para mostrar como a crise do Coronavírus impõe um recuo à hegemonia ideológica neoliberal. O autor debate com uma bibliografia absolutamente recente, escrita no calor da pandemia, e contribui com uma reflexão original, crítica e necessária, usando o referencial teórico da psicologia complexa, bem como o fenômeno contemporâneo da pós-verdade.

Eloísa Cecília Dias Martins, Elizeu Pinheiro da Cruz e Sidnay Fernandes dos Santos, a partir do conceito de multiespécies, propõem a garantia da existência das diversas espécies de animais (humanos ou não) e a segurança ambiental dos seus entornos por meio da criação de um Observatório Antropológico de Emergências Sanitárias e Ambientais. Deste modo, partem de um princípio coletivista, tão necessário para nossa sobrevivência.

Por fim, Yazmin Bheringcer dos Reis e Safatle, em pesquisa antropológica e inédita junto aos Boni em Papaïchton, Guiana Francesa, exatamente durante a pandemia, revela um subinvestimento constante que agora faz com que o vírus atinja mais fortemente negros e indígenas. A autora nos conta a impressionante história do grupo étnico boni que se originou através da fuga e da rebelião de pessoas negras escravizadas contra o poder colonial. Vale a leitura.

Agradecemos a todxs que colaboraram diretamente para que esse trabalho viesse a público. Os membros do conselho editorial, os pareceristas, e mais particularmente, Guilherme Santana, Juan Magalhaes, Isabella Correia, Caroline Lima Dias, Cello Latini e Kaio Braúna foram fundamentais.

Por fim, nada mais representativo que terminar com a letra de um Rap indígena trilingue¹ de Kandu Puri e Kaê Guajajara sobre a pandemia do Novo Coronavírus escrito no calor da hora. O rap é mais que uma verdadeira aula. É um manifesto, lindo e maravilhoso! Desejamos uma boa leitura e esperamos que este número sirva para inspirações indigenistas, negras, emancipatórias, anticoloniais, antiautoritárias, anarquistas!

Saudações libertárias!

Editor

Não foi só a bala que matou meu povo não
Tanta epidemia amontoou mais de uma nação
Um rio de sangue na água cristalina
Até o contato com suas roupas me assassina

Andando na minha miséria
Na mente lapsos de uma velha floresta
To tipo uma onça rugindo da cela Indígena gritando na favela
Vendo culturas inteiras sumindo
A epidemia vem matando
O maior grupo de risco há mais de 500 anos

Eu tentei, me isolei
E sempre ficam nessa de querer fazer contato
Nume'e kwaw hehe, a'e rupi nuexak kwaw
ima'eahy haw
(Ele não viu ele, por isso não viu sua doença)

Nuvem de doença que contagia
Causando falência múltipla de órgãos
Eu tava na mata vem e me mata numa
Falência múltipla de povos

¹ Zeeg'ete, do povo Guajajara do tronco tupi Guarani, e Kwaytikindo, do povo Puri do tronco macro jê.

Vi um parente indo se lavar
Num grande rio de lama tóxica
Prevenir ou se contaminar
Isso é uma guerra biológica
E tu que nunca foi de banho
Tá aprendendo a lavar a mão
Vai, compra tudo de álcool em gel
Olha pra tua poluição

Ah ando ure day gran txori i pa omi xute txahé
Kapuna prika i ambo nam ah ando heta kran
Ah ando hon upolatxa-ma tigagika tangweta
Ah ando hon upolatxa-ma i ne pa kwandom-na

(eu corri nessa mata para ter um bem viver
tiros para morrer. eu escapei. eu estive escondido igual sombra.
eu estive escondido para não ter doença)

Não foi só a bala que matou meu povo não
Tanta epidemia amontoou mais de uma nação
um rio de sangue na água cristalina
Até o contato com suas roupas me assassina

Como a varíola
Como a gripe
Tantas que o tamui suportou
Ninguém solta a mão de ninguém
Ainda bem que ninguém segurou

Amo teko uzeeng ihewe hekepe
(Alguém está falando comigo no sonho)
Akizezo mae wi nehe
(Não tenha medo das coisas)
Epita me nerâpuz pupe
(Fica em casa)

Ah ando hon upolatxa-ma tigagika tangweta
Ah ando hon upolatxa-ma i ne pa kwandom-na

Letra: Kandu Puri e Kaê Guajajara